

Venezuela, Desvalorização & Mercosul

Nos últimos 3 meses a Venezuela despontou no noticiário brasileiro duas vezes. Primeiro em outubro do ano passado quando a Comissão de Relações Exteriores do Senado aprovou o protocolo de adesão da Venezuela ao Mercosul. Depois quando Chavez assinou decreto desvalorizando a moeda nacional, o bolívar, em 100% e criando um sistema de câmbio múltiplo. Bom, se nosso Senado aprovou norma que nos torna mais próximo desse país caribenho, nada mais justo do que uma análise da conjuntura da economia política de lá e de um breve ensaio sobre as conseqüências de seu ingresso no nosso bloco econômico.

Com o prejuízo da simplificação, o mundo olha para a Venezuela como uma máquina de fazer petróleo. Noventa por cento de suas exportações advém do óleo e seus derivados. O petróleo representa 90% das exportações venezuelanas desde 1935, ou seja, o país é uma máquina de fazer petróleo desde então. A diferença da política do atual presidente venezuelano para a de Carlos Andrés Pérez, que lançou o plano La Gran Venezuela em 1976, estatizando toda a produção de petróleo do país e criando a Petróleos de Venezuela S.A. (PdVSA) é que Pérez teve como objetivo diversificar a economia do país com os proventos da exportação do óleo, enquanto que Chavez decidiu assumir a posição de que a Venezuela é sim uma máquina de fazer petróleo e portanto resolveu distribuir os proventos da exportação para a população.

A política de Pérez não teve muito êxito por vários motivos, mas principalmente porque cinco anos após a nacionalização da indústria petroleira, o preço do óleo despencou e ficou baixo por um par de décadas. Chavez, assumiu a presidência no fim desse ciclo de vacas magras para a indústria petroleira e assistiu a maior alta do preço do petróleo na história, conquistando a sua popularidade distribuindo à parcela relevante da população os louros do período de vacas gordas.

O que vemos agora com o recém decreto que desvalorizou o bolívar é simplesmente conseqüência da crise internacional que derrubou o preço médio da cesta de óleo bruto venezuelano de \$86 em 2008 para \$57 em 2009. Ou seja, a desvalorização nada mais é do que uma pequena mágica que possibilita distribuir o mesmo número de bolívares para a população com menos dólares, o que foi necessário dado que os dólares ficaram mais escassos para a Venezuela.

Muito bem, mas o que o povo brasileiro tem que ver com bolívares, Chavez e afins? Bom, ao que tudo indica a Venezuela deverá ser o mais novo membro do nosso bloco econômico o Mercosul. Isso significa que os brasileiros terão privilégios alfandegários na venda de bens e serviços para o nosso vizinho do norte em tela, assim como esses benefícios alfandegários serão recíprocos. Uma vez que isso se der deveremos ver uma enxurrada de produtos brasileiros na Venezuela, que como já sabemos é uma máquina de fazer petróleo e pouco produz em termos industriais. Enfim, o Brasil deverá se beneficiar de um fenômeno conhecido como *detour* de comércio, mesmo que a indústria brasileira não seja a mais eficiente do mundo na produção de algum bem, ela estará melhor posicionada para vendê-lo na Venezuela por uma questão alfandegária. Mas porque a Venezuela daria esse benefício ao Brasil? Porque, hoje, a Venezuela já depende dos EUA para exportar, 65% de todas as suas exportações são para os EUA. Os EUA e Colômbia, dois adversários políticos, também são a principal fonte de importação. Parece que a Venezuela está disposta a pagar um pouco para mudar esse quadro. Mas isso não tem custo político para a relação do Brasil com os países do Norte? Tem, hoje, é claro. Mas isto posto em marcha, se um dia os nortistas quiserem impor sanções econômicas sobre a Venezuela, vão ter que combinar conosco.

Igor Barenboim é PhD em economia por Harvard e Subsecretario Municipal de Administração do Rio de Janeiro.